

Lesbianidades, sapatonices e plataformas digitais no Brasil

Julianna Paz Japiassu Motter¹  0009-0004-6735-2120

¹Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Salvador, BA, Brasil. 40170-115 – pos-com@ufba.br



Resumo: Este estudo apresenta um mapeamento preliminar das formas como as plataformas digitais têm impactado a (re)produção das lesbianidades e sapatonices. Examina-se como essas plataformas tanto perpetuam a lesbofobia quanto contribuem para a construção de novos entendimentos acerca das lesbianidades e sapatonices. Além disso, investiga-se como os processos de colonialidade de dados e tecnologias intensificam as discriminações simbólicas e materiais contra lésbicas e sapatonas. O foco da pesquisa é a incidência desses processos em plataformas do Vale do Silício presentes em países da América Latina, com ênfase no Brasil, como o Instagram, o ChatGPT e o buscador do Google. Busca-se compreender também de que maneiras os algoritmos e outros elementos presentes nas plataformas digitais contribuem para a construção dos dispositivos de sexualidade e gênero, conforme elucidados por Foucault (2014).

Palavras-chave: Lesbianidades; sapatonices; plataformização; plataformas digitais.

Lesbianities, sapatonices and digital platforms in Brazil

Abstract: This study presents a preliminary mapping of how digital platforms have impacted the (re)production of lesbian identities and sapphism. It examines how these platforms both perpetuate lesbophobia and contribute to the construction of new understandings of lesbian identities and sapphism. Furthermore, it investigates how the processes of data and technology coloniality intensify symbolic and material discrimination against lesbians and sapphics. The focus of the research is the incidence of these processes on Silicon Valley platforms present in Latin American countries, with an emphasis on Brazil, such as Instagram, ChatGPT, and the Google search engine. It also seeks to understand how algorithms and other elements present in digital platforms contribute to the construction of devices related to sexuality and gender, as elucidated by Foucault (2014).

Keywords: Lesbian Identities; Sapphism; Platformization; Digital Platforms.

Lesbianidades, sapatonices y plataformas digitales en Brasil

Resumen: Este estudio presenta un mapeo preliminar de cómo las plataformas digitales han impactado en la (re)producción de las identidades lesbianas y la sapatonismo. Se examina cómo estas plataformas perpetúan la lesbofobia y contribuyen a la construcción de nuevos entendimientos sobre las identidades lesbianas y el sapatonismo. Además, se investiga cómo los procesos de colonialidad de datos y tecnologías intensifican las discriminaciones simbólicas y materiales contra las lesbianas y las sapatonas. El enfoque de la investigación es la incidencia de estos procesos en plataformas de Silicon Valley presentes en países de América Latina, con énfasis en Brasil, como Instagram, ChatGPT y el buscador de Google. También se busca comprender de qué manera los algoritmos y otros elementos presentes en las plataformas digitales contribuyen a la construcción de los dispositivos de sexualidad y género, tal como lo elucidó Foucault (2014).

Palabras clave: Identidades lesbianas; tortilleras; plataformización; plataformas digitales.

Primeiros passos

Trata-se de um mapeamento preliminar das maneiras através das quais as plataformas digitais têm ajudado a (re)produzir sentidos e imaginários sobre as lesbianidades e sapatônicas.¹ Preliminar porque os fenômenos e as mudanças estão ocorrendo nessas ambiências digitais o tempo todo e isso torna improvável a tarefa de mapear todas as maneiras por meio das quais essas plataformas digitais têm impactado e atuado nas diferentes (re)produções em torno das questões de gênero e sexualidade e, mais especificamente, das lesbianidades e sapatônicas.

O texto é fruto de um estudo doutoral que tem, portanto, a intenção de apontar alguns dos caminhos por meio dos quais essas distintas (re)produções têm sido encontradas e quais podem ser as possíveis consequências disso para os sentidos e imaginários sobre as lesbianidades e sapatônicas estabelecidas até então. O mapeamento foca, especialmente, a análise dos seus possíveis desdobramentos em um contexto agravado por um processo de colonialidade de dados, que rasura de forma definitiva essas experiências nos países do chamado Sul Global, como é o caso do Brasil, lugar a partir do qual se desenrola esse estudo. Este texto tem, assim, uma função de caráter mais teórico-ensaístico de elucidar sentidos e imaginários que emergem a partir dessa paisagem das plataformas digitais do que de se aprofundar em uma – ou em todas – as plataformas mencionadas.

O foco da pesquisa é, portanto, a incidência desses processos, compreendidos aqui enquanto processos de plataformização das questões de gênero e sexualidade, em plataformas digitais advindas do Vale do Silício e que estão presentes no Brasil. São elas a rede social Instagram, o chatbot de Inteligência Artificial ChatGPT e o buscador da Google. Essas plataformas foram selecionadas com base em eventos e controvérsias denunciados e/ou enunciados por usuárias.² No caso das denúncias, elas apareceram evidenciando expressões de lesbofobia³ em suas estruturas – o que tem sido chamado de lesbofobia algorítmica –, mas também foram escolhidas por serem consideradas ambiências que possibilitam diferentes apropriações anunciadas por usuárias. Essas manifestações de lesbofobia algorítmica e essas apropriações – consideradas positivas – se manifestam de diferentes formas, conforme tentar-se-á mostrar a seguir, a partir desses sentidos e imaginários que têm sido (re)produzidos.

É assim que, de maneira sucinta, no que diz respeito aos sentidos, refere-se às noções já estabilizadas sobre determinadas coisas, definições, categorizações, em um sentido próximo ao que apresentem os dicionários, enciclopédias e, mais atualmente, os buscadores digitais – as plataformas digitais, como um todo, na medida em que ajudam a conformar ou (re)formar essas percepções de maneira mais automatizada ou pragmática. Ou seja, refere-se, também, aos enquadramentos, cujos limites e fronteiras estão bem determinados e, inclusive, por isso, parece válido fomentar a associação sinonímica adotada entre “sentidos” e “imagens”, por se tratarem de certas capturas.

Por outro lado, “o imaginário aparece como trama, rede, bifurcação, encontro e fantasia” (Juremir Machado da SILVA, 2017), como um espaço de ambivalência, onde povoam sentidos que se apresentam não somente enquanto aquilo que algo é – nos termos de uma definição construída, constituída e cuja manutenção é feita pelo próprio imaginário –, mas, sobretudo, sobre o que este algo pode vir a ser, uma condição de possibilidade. É baseando-se na noção de fantasia em Laplanche, que Judith Butler (2024) defenderá que a fantasia e o imaginário são formas de (re)organizar o mundo e, por isso, estão em constante disputa. Se ficções e imaginários podem ser pensados enquanto conceitos sinonímicos, é através deles que se refere à criação material-semiótica da realidade: englobando discursos, sentidos, narrativas e, principalmente, fabulações que podem dar – ou não – materialidade à realidade que vai se estabelecendo. E que, sobretudo, ajudam a criar novas/outras possibilidades de sentidos no futuro e para o futuro.

Assim, tendo como ponto de partida essa linha argumentativa que demanda um posicionamento explícito do tipo de ciência que se pretende produzir, essa pesquisa está localizada como um esforço de situar os estudos dos processos de plataformização – ou de Plataformização, Datificação e Personalização Algorítmica (André LEMOS, 2019) – tanto a partir de produções em torno da decolonialidade e da crítica à colonialidade e ao colonialismo,

¹ Utilizar-se-á, ao longo do texto, as expressões “lésbicas e sapatônicas” e “lesbianidades e sapatônicas” por conceber que a população, de modo geral, entende ambas as formas de nomeação enquanto sinônimos, seja na hora de pensar essas identidades, seja no sentido ofensivo. No entanto, acredita-se que essas aproximações e tensionamentos ocorram especialmente por tratar-se de uma disputa entre formas mais ou menos aceitáveis do ser-lésbica e/ou ser-sapatão (HALBERSTAM, 2008), que serão apresentadas mais à frente no texto.

² O uso do feminino ao longo do texto é intencional e diz respeito à proposição de um feminino genérico e/ou universal que se oponha ao uso corrente do masculino. Uma outra opção seria neutralizar todo o texto, uma estratégia que parece fundamental em trabalhos futuros.

³ Está-se chamando de lesbofobia aquelas manifestações de violência direcionadas especificamente a lésbicas e sapatônicas, entendendo que elas têm um caráter diferente da homofobia, por exemplo. E a lesbofobia algorítmica que se refere à discriminação e à exclusão de lésbicas por parte de algoritmos de busca e de recomendação em plataformas digitais, como buscadores, redes sociais e aplicativos de relacionamento, entre outras tecnologias estruturadas por algoritmos.

quanto das teorias críticas que surgem como demandas dos corpos que são atravessados pela cisheteronormatividade e do reforço da binariedade que, por sua vez, são empreendidas por essas tecnologias. Esse esforço se dará com ênfase nos corpos lésbicos e sapatões e nos conflitos que têm sido (re)produzidos desde as plataformas e envolvendo esses corpos, suas subjetividades, formas de identificar-se e potencialidades.

Esse tipo de estudo e de disputa é importante porque se entende que gêneros e sexualidades têm sido historicamente (re)produzidos por diferentes tipos de tecnologias (Paul PRECIADO, 2018). E é assim que se parte de duas hipóteses centrais que sustentam a noção de um processo de plataformação de gêneros e sexualidades: a primeira, de que 1. compreende-se que as plataformas digitais complexificam e acirram os tensionamentos em torno de gêneros e sexualidades dissidentes, com ênfase nas lesbianidades e sapatonices, (re)produzindo enviesamentos e discriminações a partir de seus sistemas automatizados e de suas políticas de permanência. E para a segunda hipótese, 2. acredita-se que plataformas digitais, com suas estruturas algorítmicas e redes sociotécnicas, acrescem ao “dispositivo de sexualidade” (Michel FOUCAULT, 2014) e, dessa forma, também ao que pode vir a ser um dispositivo de gênero, ora de maneira disruptiva, ora de maneira normatizadora.

Assim, essas afetações e acréscimos respondem majoritariamente às lógicas de interesses das próprias plataformas e tecnologias digitais. Mas, por outro lado, o que também se demonstra é que eles têm sido enfrentados, confrontados e denunciados por usuárias, que seguem colocando em questão os enviesamentos algorítmicos e como eles se comportam de maneira responsiva e desigual de acordo com determinados perfis de lesbianidades e sapatonices, estando elas em um certo espectro de expressões mais ou menos aceitáveis dessas dissidências (Jack HALBERSTAM, 2008). E, ainda, que essas mesmas usuárias seguem desafiando as concepções previamente formuladas para essas identidades e formas de identificação, usando as possibilidades dessas plataformas como um espaço para reivindicação de autoridade sobre seus próprios corpos e formas de identificar-se.

Percursos metodológicos

Para fazer a escolha das plataformas digitais que serviriam de início para esse mapeamento, tentou-se elencar alguns acontecimentos e/ou controvérsias que pudessem direcionar esse acompanhamento dos fenômenos. Assim, chegou-se, primeiro, ao buscador da Google, em seguida ao Instagram e, depois, ao ChatGPT. Outras plataformas também direcionaram a outros acontecimentos e controvérsias ao longo do trabalho, conformando aquilo a que se refere enquanto um ecossistema platafórmico. Aqui, no entanto, interessa contornar essa paisagem digital mais do que se deter de maneira mais aprofundada a essas plataformas.

O termo ecossistema platafórmico ainda não aparece na literatura brasileira sobre os processos de plataformação, mas já tem sido utilizado, sendo importado do inglês e, mais especificamente, das discussões sobre economia digital.⁴ Essa expressão pretende dar conta das diferentes maneiras por meio das quais distintas plataformas digitais acabam se afetando mutuamente, reiterando o mercado de tendências ao qual respondem e que fortalecem. Pode-se elencar alguns exemplos, como o da relação entre uma controvérsia e uma denúncia,⁵ onde uma controvérsia que ocorre na plataforma de busca da Google acaba sendo denunciada na plataforma de rede social Instagram ou no Twitter ou, por outro lado, a maneira como o Instagram passou a investir muito mais na promoção de vídeos do que de fotos – que vinha sendo o mote da plataforma desde seu início – depois do alto sucesso da plataforma de vídeos e rede social TikTok. Pode-se, também, rastrear a inserção dos *likes* e das curtidas nas plataformas a partir de uma dinâmica de coprodução e demanda de usuárias. Além desse tipo de afetação, essas mudanças e seus efeitos acabam sendo divulgadas amplamente nas demais plataformas digitais, especialmente as de mídias sociais,

No que diz respeito ao buscador da Google, o ponto de partida da pesquisa consiste em um caso, protagonizado pela plataforma em 2019, quando a campanha #SEOLesbienne, impulsionada nas plataformas de rede social Instagram e Twitter, passou a denunciar o enviesamento algorítmico da plataforma de busca, que associava as lesbianidades e sapatonices estritamente à pornografia. A campanha mobilizou diversas usuárias e ativistas, tanto no Twitter, quanto no Instagram, e acabou impulsionando uma mudança na resposta algorítmica das buscas por parte da Google. A campanha, embora tendo início na França, ocasionou o aperfeiçoamento da estrutura algorítmica de busca e resposta para o termo lésbica em diversos idiomas, além de palavras e expressões correlatas – sapatão, sapatona, *butch* etc. Além disso,

⁴ Para maiores elucidações sobre a noção de ecossistema platafórmico, recomenda-se a leitura disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Platform_ecosystem. Acesso em 21/02/2022.

⁵ As controvérsias, objeto de análise da Teoria Ator-Rede, podem ser compreendidas enquanto acontecimentos que geram dissenso e/ou desestabilizam algum tipo de estrutura e, portanto, geram reações múltiplas.

repercutiu em diferentes mídias de diversos países, como aconteceu no Brasil, ocasionando diferentes discussões a respeito desse tipo de respostas por parte das plataformas digitais.

Quanto à plataforma de rede social Instagram, interessam a esta pesquisa os diferentes aspectos que são próprios a essa rede social: as polêmicas envolvendo tanto a restrição de conteúdos quanto as políticas de uso, assim como o processo de solicitação de verificação da plataforma. Esses processos têm sido denunciados por influenciadoras, produtoras de conteúdo e usuárias lésbicas e sapatonas como enviesados e lesbofóbicos, seja por não responderem às solicitações de verificação e segurança de seus perfis, ou mesmo por repreenderem conteúdos que abordam as lesbianidades e sapatonices. Um outro aspecto interessante é o caráter discursivo e imagético de apresentação de si, que é próprio desse tipo de plataforma, e que traz à tona distintas questões em torno da (re)formulação das identidades e como isso ajuda a evidenciar outros sentidos e/ou imaginários sobre as identidades lésbicas e sapatonas, mas sobre as identidades, de modo geral.

Para o Instagram pode-se dizer, portanto, que o ponto de partida são as acusações de diferentes usuárias e produtoras de conteúdo – como @sapataoamiga, @pretacaminhao, @afrocaminhao e @formigaoreal – sobre o enviesamento da plataforma no que diz respeito à permanência e à manutenção; à livre expressão; e a permanência e impulsionamento de corpos lésbicos e sapatões na plataforma. Simultaneamente a esse fenômeno no Instagram, também foi feito o acompanhamento de uma campanha que ocorreu através da hashtag #VerificaSapatão, impulsionada na plataforma de rede social Twitter, para que houvesse respostas em relação à solicitação da verificação em ambas as plataformas de redes sociais.

O ChatGPT foi escolhido como objeto para esta pesquisa devido à sua relevância no debate público, trazendo questões em torno da produção acadêmica e comunicacional como um todo.

O ChatGPT é um chatbot de Inteligência Artificial (IA), lançado pela OpenAI em novembro de 2022, que utiliza algoritmos de aprendizado de máquina para gerar respostas a partir de uma grande quantidade de dados prévios disponíveis. Segundo o FAQ da própria aplicação, o chat não funciona conectado à internet, mas responde a partir de dados coletados e sistematizados até o ano de 2021 (CHATGPT, 2023). Importante destacar que, para o próprio chat, “como toda tecnologia, o ChatGPT tem suas limitações e pode interferir na compreensão das coisas de diversas formas” (CHATGPT, 2023). Diante do sucesso da aplicação, em fevereiro de 2023, a multinacional estadunidense Microsoft anunciou que integraria o chatbot a seu mecanismo de busca, Bing. A adesão do chat pela gigante das buscas colocou em risco a hegemonia do buscador do Google no mercado, fazendo com que a empresa anunciasse o lançamento de seu chatbot de IA e mudasse radicalmente o cenário dos buscadores.

De maneira sucinta, o presente trabalho se propôs a fazer um acompanhamento dos acontecimentos e/ou fenômenos que se relacionam à produção e à reprodução de sentidos e imaginários em torno das lesbianidades e sapatonices em diferentes plataformas digitais. Entende-se, assim, que, no sentido de uma categorização metodológica, para o trabalho como um todo, o que se propôs foi o desenvolvimento de um método híbrido, de caráter cartográfico-genealógico (Gustavo ZAMBENEDETTI; Rosane SILVA, 2011), inspirado pela Teoria Ator-Rede (Bruno LATOUR, 2012) e que teve como base operacional a metodologia de inspiração neomaterialista do Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaço – Lab404 (LEMONS, 2020).

Os passos definidos para realização desse processo revelam uma possibilidade de acompanhar processos no momento de feitura e, simultaneamente, (re)construir seus percursos e desdobramentos semiótico-materiais, tendo como foco aqueles que envolvem lésbicas e sapatonas e pessoas LGBTQIA+ como um todo. Assim, para realização da pesquisa e compreendendo que cada plataforma exige estratégias específicas, foram empreendidos dois passos metodológicos: a interrogação das plataformas através da exploração de seus usos, interfaces, dispositivos agregados e documentos disponibilizados, o mapeamento e a análise dos discursos, denúncias e narrativas dos usuários em outros ambientes e plataformas. Neste espaço, no entanto, serão apresentadas de maneira menos aprofundada as descobertas de caráter mais ensaístico que foram sendo encontradas a partir dessas paisagens.

Os sentidos e imaginários sobre lesbianidades e sapatonices

É importante explanar o posicionamento ético-político de referir-se às lesbianidades e às sapatonices, assumindo sempre o plural do termo: o uso do termo no plural remonta à necessidade de assumir a heterogeneidade do ser-lésbica e do ser-sapatão de acordo com diferentes fatores e implicações, que vão desde os atravessamentos raciais, até as performances de gênero, contextos geopolíticos e socioculturais, entre outras interpretações e apropriações de termos e significados para essa identidade em processo de aparente devir social (Stuart HALL, 2006) e, simultaneamente, sua incidência nos distintos processos de subjetivação (BUTLER,

2015b; FOUCAULT, 2014; PRECIADO, 2020) que se dão através e a partir desses processos de nomeação, apresentação e relato de si (BUTLER, 2015b).

Utilizar-se-á lésbicas e sapatonas também por se entender que esses dois termos funcionam de maneira sinonímica em diferentes contextos, além de serem compreendidos de maneira sinonímica pela população como um todo – principalmente quando utilizados como uma ofensa, mas também nas apropriações que têm sido feitas – e, ainda assim, por também trazerem tensões nesse embaralhamento entre questões de sexualidade, identidade de gênero, racialidade e classe que são importantes de serem endereçadas.

Um exemplo vem a partir dos resultados da 1ª etapa do LesboCenso: Mapeamento de Vivências Lésbicas no Brasil (2022), uma iniciativa sem precedentes de fornecer dados sobre a população lésbica e sapatona brasileira a partir de uma pesquisa censitária realizada sob a coordenação da Liga Brasileira de Lésbicas – LBL e da Associação Lésbica Feminista de Brasília – Coturno de Vênus. Articulado de maneira qualiquantitativa, o Lesbocenso coletou seus primeiros dados através de um formulário on-line. O questionário foi acessado por 24.514 pessoas, sendo que 21.051 dessas pessoas se identificavam enquanto lésbicas*. Esses dados demonstraram que 51.36% das pessoas que participaram do questionário se autoidentificaram enquanto lésbicas e 26.40% se autoidentificaram enquanto sapatão. As autoidentificações seguintes tiveram números bem menos expressivos, não passando dos 3,5% (Grazielle TAGLIAMENTO; Dayana BRUNETTO; Raquel ALMEIDA, 2022).

São muitas, no entanto, as maneiras de compreender as lesbianidades e sapatonices e, assim,

a lésbica em sua pluralidade se espalha por diversas e distintas narrativas, fantasias e práticas de si mesma, demonstrando que a linguagem lésbica implica ingressar no jogo do (im)possível, nos lançando constantemente em um desprendimento. A língua lésbica é refúgio e trincheira, uma maneira de ver e problematizar o mundo que se (des)faz e se sustenta na qualidade incisiva que lubrifica as palavras onde ocorrem peles, beijos, manifestações, intimidades, desejos, corpos, gestos – essa constelação de práticas que nos exila de uma razão, aquela que se impõe como a verdade do sexo (Val FLORES, 2005, p. 13-14).

Parte-se de uma compreensão mais ampla das identidades sexuais; a primeira tem a ver com a compreensão de que “as práticas [também] constroem os corpos lésbicos” (FLORES, 2005), mas que as práticas, exclusivamente aquelas sexuais, não são a totalidade do que as lesbianidades e sapatonices podem vir a representar. Isso significa dizer que as lesbianidades e sapatonices são interpretadas enquanto pré-discursivas e que podem vir a comprovar, inclusive, as noções butlerianas de performatividade de gênero (BUTLER, 2015a), ou seja, são práticas que ora reiteram e ora se distanciam das definições que são construídas por e através do discurso. Assim, compreende-se também que existe uma dimensão de fabricação e (re)composição inerente aos processos de (re)produção das sexualidades – e das identidades, de modo geral. Ainda, as lesbianidades e sapatonices, e as identidades sexuais e de gênero como um todo, também podem ser enxergadas enquanto práticas e enquanto identidades (Joana ZILLER *et al.*, 2019).

De maneira conceitual, no entanto, parte-se, primeiro, da concepção de que as lésbicas e sapatonas foram historicamente estabelecidas enquanto aquelas sujeitas que têm seus relacionamentos sexuais-afetivos exclusivamente com mulheres. E, sobretudo, que a ideia do ser-lésbica precisaria estar atrelada a uma imediata identificação com o ser-mulher. Sendo assim, as lésbicas seriam mulheres que se relacionariam sexo-afetivamente de maneira exclusiva com outras mulheres. É fundamental expandir essa noção em torno das lesbianidades e sapatonices para dar conta desse processo de devir identitário que constitui parte dos dilemas contemporâneos em torno dos usos e (re)produções das identidades. Busca-se destacar, assim, a maneira através da qual a noção de uma lésbica única, estanque, não tem mais bastado para dar conta dessa experiência e que, também, não é mais suficiente essa intrínseca relação entre a (re)produção de identidades e a perpetuação de um determinismo biológico que se justifica a partir de uma racionalidade ontológica.

Halberstam (2008) destaca a maneira como, para a sociedade como um todo, existem formas mais ou menos aceitáveis de ser lésbica. Essas distintas expressões das lesbianidades e sua receptividade são afetadas por diferentes critérios de aceitabilidade e/ou passabilidade, que estão envolvidas em lógicas raciais, de performances e identidades de gênero, de corporeidades, da divisão margem/centro, entre outras. Nas plataformas digitais, esse fenômeno de complexificação da experimentação das lesbianidades e sapatonices não é expresso somente pelas lógicas de exclusão e violência lesbofóbicas, que também ajudam a demarcar essas diferenças. Ele é expresso, sobretudo, em contornos de nomenclaturas, onde a própria limitação das lesbianidades, ou do nomear-se lésbica, é questionada e substituída por outros termos e reclames de identificações, como: sapatão, sapatona, fancha, caminhoneira, *butch*, *dyke*, bofinho, entre outros. Termos estes que revelam a multidimensionalidade da identidade lésbica e como isso tem se expressado e, mais ainda, sido reivindicado em um singular contexto

de uso de novas tecnologias digitais, plataformas, redes sociais e criação de outros/diferentes sentidos e/ou imaginários sobre sujeitos e coisas.

Colonialidade de dados

Paola Ricaurte (2019) destaca como “países multiétnicos com altos níveis de desigualdade social têm mais riscos de dobrar ou triplicar a marginalização através de tecnologias digitais e epistemologias de dados dominantes” (p. 4). A autora também alerta para as maneiras como esse regime ontoepistemológico, por meio de sua lógica de produção do conhecimento, passa a operar no acirramento dos processos de colonialidade, de vigilância, além de trabalhar na própria manutenção de concentração de capital (RICAURTE, 2019). É o caso de um país como o Brasil, a partir de onde essas reflexões são endereçadas.

Isso que a autora vai chamar de uma “epistemologia de dados dominantes” (RICAURTE, 2019, p. 4) se refere à racionalidade que vem orientando o presente regime de capitalismo de dados e/ou capitalismo de vigilância operacionalizado a partir dos dados (Shoshana ZUBOFF, 2020). E, como já mencionado anteriormente, Ricaurte (2019) avalia como essa tendência interpretativa e/ou lente analítica está servindo, inclusive, para fomentar lógicas sistêmicas de desigualdade, como o aumento na concentração de capital, fomentando oligopólios de corporações voltadas para tecnologia; uma crescente nas dinâmicas de vigilância, com suas políticas de autorização às informações pessoais, tecnologias de reconhecimento facial; além do acirramento de dinâmicas coloniais, expressas pela falta de proteção aos direitos de trabalhadores e/ou usuários em países do Sul Global (Nick COULDRY; Ulises MEJIAS, 2019; RICAURTE, 2019; ZUBOFF, 2015).

De todo modo, outro aspecto importante tem a ver com a forma como essa perspectiva datificada tem governado e direcionado parte significativa dos devires em nossa sociedade – uma atualização dos modos de governamentalidade, formulados por Foucault (1979), onde novos métodos, procedimentos, agentes e instrumentos passam a atuar nesse processo. Inclusive no que diz respeito ao direcionamento dos sentidos e/ou imaginários que podem – ou não – ser formulados. Isso ocorre de tal maneira que as “narrativas guiadas-por-dados direcionam nossos imaginários e governam o que significa viver em sociedades urbanas na contemporaneidade” (RICAURTE, 2019, p. 3).

Ricaurte (2019) inter-relaciona a colonialidade do poder e a colonialidade do ser, saber e do sentir, com as dimensões da colonialidade de dados para que se torne possível compreender como o regime age no campo das representações e narrativas e nos imaginários de si (RICAURTE, 2019). As questões de gênero e sexualidade, juntamente com corpo, raça, linguagem e subjetividade, estão sujeitas à captura da vida, de modo geral. Interessa entender como essas dinâmicas fazem manutenção do patriarcado, como um todo, além de capturar formas de autoexpressão e a parte dos afetos que envolvem as percepções de si e do grupo, a tecnovigilância, o automonitoramento – que, no entender da autora, responde também à autorregulação –, as dinâmicas de perfilamento – *profiling* –, a condução dos desejos, interações, comunicação, práticas, a reiteração e veiculação de normas, a gestão e o controle de biodados, além dos imaginários de si, as representações e narrativas. Há, também, uma relação com o campo do conhecimento, na medida em que os corpos que interessam analisar nesse estudo também são vítimas da violência e da captura algorítmica.

Achados: lesbofobia algorítmica

Por sua relevância na aquisição de conhecimento e informação hoje, as plataformas de busca e chatbots são potencialmente capazes de agenciar as formas das visibilidades e, também, as invisibilidades na sociedade contemporânea (Tarleton GILLESPIE, 2018). Não existem plataformas sem racismo, sem lesbofobia – LGBTQIAfobia, em geral –, sem capacitismo, dentre outras violências. Isso porque as plataformas se fundam na lógica binária das sociedades ocidentais, tanto em termos de código, como em sua alimentação e funcionamento, produzindo os tais enviesamentos algoritmos e, em alguma medida, também epistemológicos (Joy BUOLAMWINI; Inioluwa Deborah RAJI, 2019; Taina BUCHER, 2018; Safiya NOBLE, 2018; Tarcízio SILVA, 2020), ao reforçarem uma lógica de colonialismo de dados e corpos (COULDRY; MEJIAS, 2019; Yuk HUI, 2020; RICAURTE, 2019).

E se, como já se afirmou anteriormente, os buscadores são potencialmente capazes de agenciar as visibilidades e invisibilidades (GILLESPIE, 2018) na sociedade contemporânea, uma aplicação com a centralidade do ChatGPT e a incidência que a inteligência artificial pode ter nos buscadores e demais difusores e produtores de informação segue em um sentido semelhante, porque centraliza muitas das aspirações, desejos, inspirações, (re)produções de subjetividades, na contemporaneidade. Segundo o próprio ChatGPT (2023), “os buscadores, como Google, Bing, Yahoo!, entre outros, são uma das principais ferramentas utilizadas para buscar informações sobre qualquer assunto, incluindo a identidade lésbica”.

Para além do discurso lesbofóbico explícito, expressado em imagens, vídeos, memes, declarações, propagação de discurso de ódio, o esforço aqui está em propor algumas tipificações de microagressões lesbofóbicas a partir dos tipos de microagressões raciais on-line (Brendesha TYNES *et al.*, 2018). A constatação de que a lesbofobia algorítmica está engendrada nas estruturas algorítmicas – quando mostra um resultado pornográfico e não um informativo –, e que ela também pode estar presente nas diretrizes da comunidade ou nas políticas de uso e permanência – quando os conteúdos que se referem às lesbianidades e às sapatônicas são restringidos quando acusados de ferir essas políticas – demanda que se categorize os tipos específicos de microagressões:

Hipersexualização: alimenta a ideia de que a sexualidade de lésbicas e sapatonas está a serviço dos homens. Esse tipo de lesbofobia está relacionado à hipervisibilidade negativa (SILVA, 2020), já que há um grande volume de conteúdos – geralmente visuais –, para além de um grande acesso – resultado de uma busca dos/as próprios/as usuários/as e da alimentação dos sites indexados na produção de conteúdo e no patrocínio deles –, mas esses conteúdos estão associados à construção de uma imagem violenta e negativa sobre quem são lésbicas e sapatônicas e o que podem ser as lesbianidades e sapatônicas.

Invisibilização: tipo de censura, a repressão está associada a uma tentativa de restringir os espaços, além de controlar os corpos e, inclusive, puni-los em uma espécie de criminalização e banimento próprio dessas plataformas. Está associada a um esforço de tornar anômalos e abjetos os desejos e vivências fora da cisheternormatividade. Tenta fingir, em vários momentos, que lésbicas e sapatonas não existem ou que suas identidades não são válidas ou que são perigosas e contagiosas e, por isso, não podem ser visíveis nessas ambiências.

Deslegitimação: associada à noção de que lésbicas e sapatonas não são sujeitas legítimas e que, portanto, não devem ter sua permanência assegurada nos espaços. Seus esforços, presenças e contribuições não são reconhecidas. Lésbicas, de modo geral, ao longo da história, “experimentaram outros hiatos e suas questões políticas não foram devidamente discutidas” (Sandra Regina MARCELINO, 2011, p. 15).

Normatização: determina que todas as lésbicas precisam cumprir com um padrão normativo que está mais próximo daquilo esperado e imposto às mulheres. Reafirma a maneira como existem formas mais ou menos aceitáveis de ser lésbica (HALBERSTAM, 2008). Reforça, além da lesbofobia, práticas racistas, transfóbicas, capacitistas, gordofóbicas, classistas, normativas de performances de gênero, entre outras.

Achados: novos sentidos sobre as lesbianidades e sapatônicas

Hall (2006), ao pensar as contribuições linguísticas de Saussure, vai reforçar como as palavras são multimoduladas, “sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado” (HALL, 2006, p. 41). As palavras são também a forma de nomear as identidades e isso mesmo pode significar que tentar encerrar os sentidos e imaginários de uma palavra ou de uma identidade é infecundo.

Tudo o que dizemos tem um “antes” e um “depois” – uma “margem” na qual outras pessoas podem escrever. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis (HALL, 2006, p. 41).

A dinâmica da apresentação de si no aplicativo está associada à forma como cada usuário administra seu perfil – os elementos apresentados nas *bios*, seja em texto ou no uso de *emojicons*, o uso ou não do campo dos pronomes, a frequência de publicação, conteúdos compartilhados, formas de produzir e editar as imagens, entre outras coisas, envolvendo um complexo processo de gerenciamento de impressão (Rodrigo NEJM, 2016). Essa administração é decisiva para definir a quantidade e a identidade de seus seguidores, ou seja, para uma performance expressiva que consiga validação social desejada (NEJM, 2016). As dinâmicas de apresentação de si dos atores em plataformas de redes sociais pressupõem a criação de seus perfis, além da visibilidade e articulação de suas redes de contato como características desses espaços (Dannah BOYD; Nicole ELLISON, 2007; Raquel RECUERO, 2009). Byung-Chul Han (2022), em uma perspectiva mais crítica, vai dizer que consumo e identidade se tornam a mesma coisa nesse atual regime e que, inclusive, a identidade se torna, ela própria, uma mercadoria.

No entanto, as plataformas digitais, que são submetidas à, ao mesmo tempo que são instrumentos de perpetuação de novas/outras dinâmicas de colonialidade inerentes à colonialidade do Saber-Poder, ajudam a construir e a direcionar as possibilidades – portanto, as imagens e os imaginários, conformadas em matrizes de inteligibilidade – sobre as quais as identidades podem escoar e se (re)compor. Assim é que se, por um lado, está a se discutir os limites das identidades em suas conformações, normatizações e, sobretudo, exclusões,

tendo como horizonte um alargamento da maneira como elas se configuram, por outro lado, segue-se cada vez mais submetidas à lógica binária – desta vez, programacional – que segue respondendo ao 0 e ao 1 como se outras possibilidades não fossem uma realidade material-semiótica que se apresentam a cada esquina – ou, de onde parte esta análise, de cada *reels*, ou a cada quadro que aparece quando se passeia por *feeds*.

Há uma tendência cada vez maior de publicização de diferentes formas de identificar-se, ao passo que essas plataformas não conseguem, necessariamente, processar essas informações de maneira qualificada. Isso resulta em diferentes processos de extração, mas também de violência. Controvérsias relacionadas à censura de conteúdos LGBTQIA+ nas redes e plataformas digitais (Clare SOUTHERTON *et al.*, 2020; ZILLER *et al.*, 2019) foram apontadas em estudos que demonstram o quanto “esses sistemas de classificação de conteúdo e as respostas das plataformas às críticas públicas operam como tecnologias produtoras de normas” (SOUTHERTON *et al.*, 2020, p. 2). Isso demonstra a existência de outras expressões normativas que não somente a censura explícita de determinados termos e/ou conteúdos,⁶ assim como outros tipos de rastros digitais a serem mapeados, que corroboram uma diversidade de estratégias que impõem, como horizonte, a cisheteronormatividade enquanto único imaginário-realização possível.

Ao levar em consideração que ambos os avanços tecnológicos e o aumento na frequência dos usos fazem com que se torne cada vez mais difícil separar o eu dessas tecnologias, “os dispositivos se tornaram mais profundamente acoplados aos nossos sentidos de corpos e cada vez mais parecem extensões das nossas mentes” (Sherry TURKLE, 2013, p. 16). Turkle (2013) chama atenção para a maneira como a existência de uma diversidade de mundos sociais on-line proporciona novos materiais para trabalhar as identidades e as identificações. Um trabalho que é contínuo, e que acaba experimentando maiores possibilidades de variação, diante das especificidades e das inovações das plataformas on-line, assim como da pluralidade de linguagens.

Produzir rotas de fugas existenciais e estéticas é buscar maneiras de produzir outras formas pelas quais podem se organizar as coletividades e fazer circular outros sentidos e imaginários. Afinal, a estética é uma forma de reorganizar o sensível e, portanto, uma forma de reorganizar as subjetividades (Jacques RANCIÈRE, 2005). Trata-se, aqui, portanto, de fundamentar a necessidade de buscar outras formas de compreender e compor o mundo. Não se trata, necessariamente, de se posicionar no sentido de uma oposição, repetindo a lógica binária do mundo ocidental, mas de propor outros modos de funcionamento – e de vida – que já estão emergindo por aí, especialmente através das distintas formas de reivindicar sua existência social a partir de outras formas de nomear-se – e identificar-se.

Assim, é fundamental destacar que o tempo do devir-identitário não é o tempo das plataformas digitais. Isso aparece quase como uma contradição, na medida em que essas plataformas têm circulado cada vez mais em torno das apresentações de si. E que essas apresentações, de modo geral, estão relacionadas às distintas maneiras como sujeitos se apresentam e se (re)afirmam identitariamente. Ou seja, têm a ver com como esses sujeitos têm se traduzido para o social através dessas distintas formas de autoidentificação e apresentação de si (BUTLER, 2015b; HALL, 2006), colocando esses elementos, por exemplo, em suas *bios* dessas plataformas de redes sociais.

A emergência da identidade sapatão não binária (Dri AZEVEDO, 2023), por exemplo, tem sua gênese bastante atrelada aos usos e às apropriações a partir das plataformas de redes sociais, onde a identidade passa a emergir com mais frequência em páginas de produtores de conteúdo e usuáries, como uma demanda a ser incorporada tanto pelos movimentos lésbicos e sapatoões, quanto pelos movimentos que discutem identidades não cisgêneras. As discussões que aproximam as lesbianidades e sapatonices das transidentidades pautam as temáticas de diferentes páginas no Instagram, a exemplo de artistas como @formigaoreal e @mugraitakaru, pensando não apenas a existência de mulheres trans e travestis que se reconhecem nas lesbianidades e sapatonices, mas o reconhecimento de formas de radicalização das lesbianidades e sapatonices que permitem se ver impressas nas transmasculinidades e nas não binariedades, entendendo os corpos enquanto composições e reivindicando a existência de diferentes formas não cisgêneras de viver e demandar formas de ser e estar lésbica e/ou sapatão.

Essas telas, portanto, em suas contradições, também permitem pensar esses processos de generificação menos como uma balança, mas mais como uma paisagem (Maia KOBABE, 2023), ou seja, enquanto processos situacionais, ou de deslocamento, angulação e reinterpretação. Essa paisagem (KOBABE, 2023), como qualquer outra, é ampla, experiencial, experimental e difícil de ser capturada por lentes estáticas, ou que estejam pouco dispostas a captar as nuances em torno dessas vivências e as arestas que se apresentam a cada recorte.

⁶ Por censura explícita refere-se, por exemplo, às políticas de uso e permanência de algumas plataformas que delimitam o que pode ou não aparecer em suas ambiências, como é o caso da pornografia no Instagram. Ainda que alguns usuários consigam burlar esse interdito e, sobretudo, que a própria plataforma interprete o que é pornográfico de acordo com suas automatizações, interpreta-se enquanto censura explícita o tipo de proibição que está devidamente explicitado nos documentos da plataforma.

Referências

- AZEVEDO, Dri. "A emergência do termo 'sapatão-não-binário' como disputa discursiva no Brasil contemporâneo". *Revista Z Cultural*, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 1, 2024. Disponível em <https://revistazcultural.pacc.uff.br/a-emergencia-do-termo-sapatao-nao-binario-como-disputa-discursiva-no-brasil-contemporaneo/>. Acesso em 17/06/2024.
- BOYD, Danah; ELLISON, Nicole. "Social network sites: definition, history, and scholarship". *Journal of Computer-Mediated Communication*, Indiana, v. 13, n. 1, Oct. 2007. Disponível em <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>. Acesso em 07/01/2024.
- BUCHER, Taina. *If...Then: algorithmic power and politics*. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b.
- BUTLER, Judith. *Quem tem medo de gênero?* São Paulo: Boitempo, 2024.
- ChatGPT. FAQ. GTP 3-5 versão de fev. 2023. Inteligência Artificial. 2023. Disponível em <https://chat.openai.com/>. Acesso em 08/08/2023.
- COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises. "Data Colonialism: Rethinking Big Data's Relation to the Contemporary Subject". *Television & New Media*, v. 20, n. 4, p. 336-349, 2019.
- FLORES, Val. *Notas lesbianas: reflexiones desde la disidencia sexual*. Rosario: Hipólita, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- GILLESPIE, Tarleton. "A relevância dos algoritmos". *Parágrafo*, v. 6, n. 1, p. 95-121, jan./abr. 2018.
- HALBERSTAM, Jack. *Masculinidad Femenina*. Barcelona: Editorial Egales, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HAN, Byung-Chul. *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Petrópolis: Vozes, 2022.
- HUI, Yuk. *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu, 2020.
- KOBABE, Maia. *Gênero queer: memórias*. São Paulo: Tinta-da-China Brasil, 2023.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2012.
- LEMONS, André. "Desafios Atuais da Ciberultura". *Jornal Correio do Povo*, Caderno de Sábado, Porto Alegre, 15/06/19, 2019.
- LEMONS, André. "Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital". *Galáxia*, São Paulo, p. 54-66, 2020. DOI: 10.1590/1982-25532020143970. Acesso em 17/06/2024.
- MARCELINO, Sandra Regina. *Mulher negra lésbica: a fala rompeu o seu contrato e não cabe mais espaço para o silêncio*. 2011. 154 f. Mestrado (Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Disponível em https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/18428/18428_1.PDF. Acesso em 10/07/2020.
- NEJM, Rodrigo. *Exposição de si e gerenciamento da privacidade de adolescentes nos contextos digitais*. 2016. Doutorado (Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.
- NOBLE, Safiya. *Algorithms of oppression: How search engines reinforce racism*. New York: NYU Press, 2018.
- PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

- PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- RAJI, Inioluwa; BUOLAMWINI, Joy. "Actionable Auditing: Investigating the Impact of Publicly Naming Biased Performance Results of Commercial AI Products". *Conference on Artificial Intelligence, Ethics, and Society*, 2019.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RICAUERTE, Paola. "Data Epistemologies, The Coloniality of Power, and Resistance". *Television & New Media*, v. 20, n. 4, p. 350-365, 2019. DOI: 10.1177/1527476419831640. Acesso em 13/05/2024.
- SILVA, Juremir Machado da. *Diferença e descobrimento. O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação*. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- SILVA, Tarcízio. *Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: olhares afrodiaspóricos*. São Paulo: Editora LiteraRUA, 2020.
- SOUTHERTON, Clare; MARSHALL, Daniel; AGGLETON, Peter; RASMUSSEN, Mary Lou; COVER, Rob. "Restricted modes: Social media, content classification and LGBTQ sexual citizenship". *New Media & Society*, v. 23, n. 5, 2020.
- TAGLIAMENTO, Grazielle; BRUNETTO, Dayana; ALMEIDA, Raquel. *LesboCenso Nacional: Mapeamento de Vivências Lésbicas no Brasil – Relatório Descritivo 1ª Etapa (2021-2022)*, 2022.
- TURKLE, Sherry. "Always-On/Always-On-You: The Tethered Self". In: KATZ, James E. *Handbook of Mobile Communication Studies*. The MIT Press, 2013. p. 121-138.
- TYNES, Brendesha; LOZADA, Fantasy; SMITH, Naila; STEWART, Ashley. "From racial microaggressions to hate crimes: A model of online racism based on the lived experiences of adolescents of color". In: TORINO, Gina C.; RIVERA, David P.; CAPODILUPO, Christina M.; NADAL, Kevin L.; WING SUE, Derald (Eds.). *Microaggression Theory: Influence and Implications*. Hoboken: Wiley, 2018. p. 194-212.
- ZAMBENEDETTI, Gustavo; SILVA, Rosane. "Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social". *Psicologia & Sociedade*, v. 23 n. 3, p. 454-463, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/psoc/a/c8kPmf5rKKMZMSgGwKjNVJJ/?lang=pt#ModalTutors>. Acesso em 12/04/2023.
- ZILLER, Joana; CARVALHO, Flora V.; LAMOUNIER, Gab; FACHARDO, Isadora R. J.; HOKI, Leíner; TEIXEIRA, Lídia P. F.; MORENA, Marina. "Lesbianidades em rede: visibilidades e invisibilidades no YouTube". In: LAVITS, 2020, Salvador, *Anais eletrônicos*. Salvador: Lavits, set. 2019. Disponível em https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/61750/2/Lesbianidades%20em%20rede_%20visibilidades%20e%20invisibilidades%20no%20YouTube.pdf. Acesso em 3/10/2020.
- ZUBOFF, Shoshana. "Big other: Surveillance capitalism and the prospects of an information civilization". *Journal of Information Technology*, v. 30, n. 1, p. 75-89, 2015.
- ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

Julianne Paz Japiassu Motter (julianna.japiassu@ufba.br; juliannamotter@gmail.com) é doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia (UFBA), integrante do Grupo de Pesquisa em Gênero, Tecnologias Digitais e Cultura – Gig@. Mestre em Direitos Humanos e Cidadania pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania da Universidade de Brasília (UnB). Possui Graduação em Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília (2015) e em Filosofia pela Universidade de Brasília.

COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

MOTTER, Julianna Paz Japiassu. "Lesbianidades, sapatonices e plataformas digitais no Brasil". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 33, n. 1, e104264, 2025.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em 16/12/2024

Aprovado em 17/12/2024

